

LAUDATO SI': DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE UMA ECOLOGIA COMUNICACIONAL

11

"Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe Terra." Essas palavras de Francisco de Assis, no século XIII, são retomadas por outro Francisco, bispo de Roma, no século XXI, como inspiração para a sua Encíclica *Laudato Si'* ("Louvado sejas"), publicada no dia 24 de maio de 2015, festa de Pentecostes.

Trata-se de um documento inovador e histórico, sendo o primeiro texto pontifício totalmente dedicado à ecologia em toda a história da Igreja. Por isso, é uma verdadeira "virada ecológica" no âmbito católico, contribuindo de modo especial para a compreensão e a vivência daquilo que Francisco chama de "ecologia integral".

Nesse sentido, a "encíclica verde", como foi chamada, também oferece muitas contribuições para uma compreensão mais profunda da comunicação, entendida como um verdadeiro processo ecológico (do grego *oikos*, casa, ambiente comum, e *logos*, estudo, saber, sentido). Pois a comunicação é a força motriz que permite que "tudo esteja interligado", como reitera o papa na encíclica. É a comunicação que favorece a constituição e a manutenção do ambiente social e cultural em que vivemos.

Por isso, aqui, quero reler a encíclica a partir da comunicação, analisando primeiramente os eixos comunicativos internos do texto, depois os circuitos comunicacionais com os quais se articula e, por fim, a própria visão bergogliana sobre os processos de comunicação.

A comunicação da encíclica

A *Laudato Si'* (LS) é um documento amplo, dividido em seis capítulos e 246 parágrafos, distribuídos em quase 200 páginas. O idioma do título já é uma

inovação, pois não se trata de uma expressão em latim, língua (cada vez menos) oficial da Igreja: a frase vem do italiano arcaico, do século XII, tempos de Francisco de Assis.

Ao longo da encíclica, Francisco dialoga com inúmeros interlocutores, começando pela Sagrada Escritura, pelos documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, passando por diversos santos e doutores da Igreja (de São Francisco de Assis a Santa Teresa de Lisieux), e pelos seus antecessores no papado, principalmente João Paulo II (citado 36 vezes) e Bento XVI (26 vezes).

Ele também retoma o pensamento de vários autores provenientes de ciências e experiências diversas, como o escritor italiano Dante Alighieri, o filósofo protestante francês Paul Ricoeur, o teólogo e padre ítalo-alemão Romano Guardini, o paleontólogo e padre jesuíta francês Teilhard de Chardin, o teólogo e padre jesuíta argentino Juan Carlos Scannone e o mestre espiritual islâmico Ali Al-Khawwas. Assim, a encíclica assume diversas contribuições – católicas mas também ecumênicas, religiosas mas também seculares –, inserindo-as no magistério social da Igreja, dentro do qual o documento se insere, enriquecendo-o.

Também são inúmeras as citações de documentos das mais diversas Conferências Episcopais de todo o mundo, de dezenas de países: África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Bolívia, Canadá, Estados Unidos, Filipinas, Japão, México, Nova Zelândia, Paraguai, Portugal, República Dominicana – além da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com o seu documento de estudo *A Igreja e a questão ecológica* (1992), citado duas vezes. O Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) e a Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC) também são mencionados.

De todas as citações, 22 são de órgãos episcopais, mais de 12% do total, sinal de colegialidade também em nível magisterial. Recolhendo e reunindo as reflexões das diversas Igrejas locais em um documento que passa a compor o magistério eclesial, Francisco, em primeiro lugar, diversifica e descentraliza o pensamento da Igreja, harmonizando as mais diversas perspectivas geográficas e culturais sobre o tema da criação. E, segundo, também concede um peso maior a tais contribuições, reconhecendo e elevando as reflexões e as teologias locais como parte do próprio ensinamento de toda a Igreja, em um magistério concretamente sinodal e colegial.

Trata-se ainda de um documento fortemente ecumênico. Pela primeira vez em um texto magisterial, o pensamento não católico é citado e apropriado. Francisco dedica nada menos do que três parágrafos (LS, n. 7, 8, e 9) do primeiro capítulo – reunidos no entretítulo *Unidos por uma preocupação comum* – ao pensamento e à ação do Patriarca Ecumênico Bartolomeu, da Igreja Ortodoxa, reconhecido pela sua atuação ecológica e apelidado, por isso, de “patriarca verde”.

A *Laudato Si'* também não se restringe à Igreja, nem mesmo apenas a um público cristão: sinal disso é a primeira das duas orações finais da encíclica, escrita em linguagem inter-religiosa, podendo ser rezada pelos fiéis de outras tradições religiosas que acreditam em Deus.

Mas, principalmente, destaca-se a inédita presença do pensamento islâmico no interior do magistério católico: o mestre espiritual islâmico Ali Al-Khawwas é citado, mesmo que em nota de rodapé, dentro da reflexão sobre a presença do mistério em cada elemento da criação, ou, nas palavras do pensador muçulmano, "o 'segredo' sutil em cada um dos movimentos e dos sons deste mundo". Também são citadas várias vezes declarações de organizações civis e órgãos governamentais internacionais, como a *Declaração do Rio* (1992) e a *Carta da Terra* (2000).

Além disso, o papa não dirige a sua carta de modo tradicional aos bispos, aos presbíteros, aos diáconos, às pessoas consagradas, aos fiéis leigos e a "todos os homens de boa vontade", a quem os papas anteriores haviam dedicado os seus textos. Tendo em vista a deterioração global do ambiente, Francisco se dirige explicitamente a um público muito mais amplo: "A cada pessoa que habita neste planeta" (LS, n. 3).

Assim, Francisco "desce" da sua cátedra para "elevar" – reconhecendo e assumindo – a reflexão de outras culturas e de outros "fins de mundo" além da sua Argentina. E dá as mãos às mais diversas contribuições, de dentro e de fora da Igreja. Dessa forma, o papa pode se dirigir com credibilidade a todas as pessoas e a cada uma delas, cristãs e não cristãs, sem exclusões nem privilégios, para falar de um tema tão compartilhado quanto a "casa comum".

Em seu texto, a *Laudato Si'* vincula ecologicamente as "três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra" (LS, n. 66), inclusive no seu discurso. Sinal disso são as expressões mais utilizadas pelo pontífice ao longo da encíclica: "vida" (236 vezes); "humano/humana" (227); "Deus" (158); "mundo" (148); "pessoa" (101); "ambiente" (95); "terra/terreno/território" (94); "meio" (88).

Para além desses aspectos gerais em torno da comunicação da encíclica, também vale a pena ver como Francisco *pensa a comunicação* na *Laudato Si'*.

Em uma perspectiva geral, a encíclica explicita uma visão complexa (mas não *complicada*) da comunicação – e não é por acaso que se repete nada menos do que cinco vezes a expressão "tudo está interligado". O documento reconhece a comunicação inclusive como parte de um âmbito transcendente, não a restringindo meramente a uma prática social ou ao uso de aparatos tecnológicos.

A isto [aos "sintomas de uma verdadeira degradação social, de uma silenciosa ruptura dos vínculos de integração e co-munhão social" abordados no parágrafo anterior] vêm juntar-se as dinâmicas dos mass-media e do mundo digital, que, quando se tornam onipresentes, não favorecem o desenvolvimento de uma capacidade de viver com sabedoria, pensar em profundidade, amar com generosidade. Nesse contexto, os grandes sábios do passado correriam o risco de ver sufocada a sua sabedoria no meio do ruído dispersivo da informação. Isso exige de nós um esforço para que esses meios se traduzam num novo desenvolvimento cultural da humanidade, e não numa deterioração da sua riqueza mais profunda. A verdadeira sabedoria, fruto da reflexão, do diálogo e do encontro generoso entre as pessoas, não se adquire com uma mera acumulação de dados, que, numa espécie de poluição mental, acabam por saturar e confundir. Ao mesmo tempo tendem a substituir as relações reais com os outros, com todos os desafios que implicam, por um tipo de comunicação mediada pela internet. Isso permite selecionar ou eliminar a nosso arbítrio as relações e, desse modo, frequentemente gera-se um novo tipo de emoções artificiais, que têm a ver mais com dispositivos e monitores do que com as pessoas e a natureza. Os meios atuais permitem-nos comunicar e partilhar conhecimentos e afetos. Mas, às vezes, também nos impedem de tomar contato direto com a angústia, a trepidação, a alegria do outro e com a complexidade da sua experiência pessoal. Por isso, não deveria nos surpreender o fato de, a par da oferta sufocante desses produtos, ir crescendo uma profunda e melancólica insatisfação nas relações interpessoais ou um nocivo isolamento.

Desde o início de tal parágrafo, fica sem explicitação a quais "dinâmicas dos mass-media e do mundo digital" o papa se refere especificamente e, sobretudo, por que a presença de tais meios não favoreceria o "desenvolvimento de generosidade", especialmente no que se refere ao mundo digital.

Certamente, são valiosas as preocupações indicadas pelo pontífice, ainda mais levando-se em consideração o seu histórico pessoal de atuação pedagógica inaciana quando sacerdote, como professor de Literatura na Argentina. A a uma "deterioração da sua riqueza mais profunda" que não leve a uma "deterioração da sua riqueza mais profunda" é do interesse de todos.

E, em um momento de *rapidación* (LS, n. 18), como chama Francisco, muitos elementos culturais podem ser negligenciados e atropelados por tentativas de homogeneização globalizante dos grandes meios de comunicação dentro dos mesmos padrões e estilos de vida.

O mesmo vale para a constatação de que a verdadeira sabedoria “não se adquire com uma mera acumulação de dados”. Tal afirmação possui uma grande relevância no contexto atual. Sem dúvida, a mera coleção de dados que muitas vezes a internet possibilita não pressupõe conhecimento, muito menos sabedoria. É preciso todo um processo cognitivo de organização de tais dados, em uma evolução crescente de conexões e inter-relações que tendam à harmonia criativa. E a “poluição mental”, de fato, prejudica a busca de clareza e organicidade na reflexão.

Mas chama a atenção que as “dinâmicas do mundo digital” e os “meios atuais” aparecem principalmente no marco da “deterioração da qualidade de vida humana e degradação social”, como diz o entretítulo. Nesse âmbito, o parágrafo elenca uma longa lista de possibilidades pouco esperançosas:

- a substituição das relações reais com os outros;
- a seleção ou eliminação a nosso arbítrio das relações;
- a geração de um novo tipo de emoções artificiais;
- o impedimento de tomar contato direto com a complexidade da experiência pessoal;
- o crescimento de uma profunda e melancólica insatisfação nas relações interpessoais;
- um nocivo isolamento.

As problemáticas apontadas pelo papa, certamente reais e preocupantes, contudo, não dizem respeito apenas às tecnologias (sejam elas contemporâneas ou não), mas também a ações humanas e a processos sociais históricos que emergem com características próprias em cada ambiente e ecologia comunicacionais específicos. Em suma: não são uma novidade do século XXI.

Esses mesmos receios de Francisco poderiam ser afirmados *ipsis litteris* no século XV, quando surgiram os primeiros livros manuais, “mídias portáteis” que davam mobilidade à prática da leitura, diferentemente dos grandes e pesados códices, que eram lidos publicamente e em voz alta. À época, o medo também era de que os novos leitores individuais não teriam as capacidades necessárias para filtrar por conta própria os conhecimentos, que passavam a estar facilmente acessíveis na própria casa, correndo o risco da saturação e da confusão. Daí a necessidade de censuras, controles sobre o leitor, os livros e a

leitura, como no caso o *Índex* dos livros proibidos. Só os “esclarecidos” poderiam limpar o terreno do conhecimento para os “menos esclarecidos”.

Naquele tempo, também havia o medo de um “nocivo isolamento”, como afirma o papa, de um individualismo exacerbado, pois, de um processo coletivo e ritualístico como era, a leitura passava a ser uma prática individual, solitária, abscôndita, ao “alcance das mãos”, graças justamente aos manuais. Podia-se fugir, assim, do “diálogo e do encontro generoso entre as pessoas”, como diz Francisco, para se refugiar no íntimo da própria cela, tendo nas mãos um livro.

Mas a sociedade, em um processo longo e complexo, soube criar seus próprios dispositivos cognitivos, pedagógicos, educacionais para “harmonizar” – utilizando um conceito-chave para o papa – as diversas práticas e saberes, às vezes contraditórios, que entravam em ebulição com o surgimento do livro.

Hoje, estamos em plena fermentação da revolução digital: a internet pública e mundial como a conhecemos (a WWW) está na casa dos seus 10.000 dias de vida. A sociedade em geral – e cada um de nós em particular – ainda está construindo e se apropriando dessa inovação tecnológica, pouco a pouco, “inventando-a” cotidianamente, muitas vezes artesanalmente. Ainda temos muito para caminhar e para aprender.

Quanto à “mera acumulação de dados” a que o papa se refere, trata-se de um aspecto pedagógico de grande importância, e sabemos que, nisso, a internet pode ter um papel preocupante. Porque ter acesso a muitas informações não significa necessariamente saber relacioná-las e apropriar-se criativamente delas nas mais diversas situações da vida. É preciso educar para isso.

Contudo, dados e informações são elementos básicos para qualquer processo cognitivo – junto com outros diversos elementos de complexidade crescente, como experiências, intuições, relações, vivências. Sem dados e sem a sua acumulação organizada, o conhecimento torna-se inviável. Afinal, nem só de experiências vive o ser humano, mas também de informações, inclusive sobre aquela própria experiência – e a Wikipédia e o YouTube, por exemplo, nascem como expressão disso. Em um sentido mais político, a “acumulação de dados” sobre os governos ou instituições e a sua consequente divulgação pública em rede foram essenciais para uma mudança social, como demonstram as diversas “primaveras” e “wikileaks” espalhados pelo mundo nos últimos anos.

O papa também aponta para a “substituição das relações reais” mediante o uso de tecnologias nos contatos sociais, que pode dar origem a um “novo tipo de emoções artificiais”, com a perda do “contato direto” com a experiência humana.

Há muito tempo, porém, os estudos comunicacionais abandonaram a perspectiva da substituição, optando por refletir sobre um processo de *complexificação e articulação* entre as experiências humanas diversamente mediadas

O online e o offline não se substituem como coisas opostas, mas se *inter-retro-influenciam*, articulando-se em um nível mais complexo de experiência, uma realidade “aumentada” e “diminuída” ao mesmo tempo, em aspectos diversos, mas nem por isso “não real” ou puramente “artificial”.

As emoções vividas em um contato online são tão “artificiais” quanto “naturais” – e, vice-versa, as emoções vividas em um “contato direto” podem ser tão “naturais” quanto “artificiais”. Pois assim se constituem todas as experiências humanas, visto que não estão dadas de antemão, definidas e delimitadas de uma só vez em um “éden” primordial, mas se constituem a partir dos condicionamentos de suas mediações históricas, sejam elas tecnológicas ou não.

A própria “natureza humana” que conhecemos hoje envolve inúmeras artificialidades que tomamos como óbvias e evidentes, por já se encontrarem historicamente instaladas na nossa cultura e sociedade – como o uso de roupas e de óculos, por exemplo. A humanidade só existe na sua relação com as diversas animalidades e artificialidades com as quais o ser humano aprendeu a (co)existir – basta pensar que os períodos humanos primitivos foram demarcados por tecnicidades como o domínio da pedra, do bronze, do ferro.

Já a evolução comunicacional aponta justamente para a crescente assimilação de artificialidades mais inovadoras do que as anteriores para a percepção e expressão do mundo. Quanto mais novas e inovadoras, mais temor e receio nos causam, mas, no decorrer das práticas históricas de assimilação e apropriação social, passa a fazer parte de um “fenótipo” humano mais complexo.

Isso está ligado ao receio papal de que as tecnologias poderiam bloquear um “contato direto” com a “complexidade da experiência humana”. Contudo, até que ponto um contato humano qualquer pode ser “direto” e “não mediado”?

Pensemos no contato que o próprio pontífice tem com a multidão na Praça de São Pedro, em suas audiências gerais. À primeira vista, não se trata de uma “comunicação mediada pela internet” – e, portanto, poderia ser considerada “direta”. Mas, mesmo aí, há inúmeras outras mediações: *sociais* (autoridade religiosa/pessoas comuns), *religiosas* (pontífice máximo/fiéis), *físicas* (papamóvel, câmeras, barreiras de proteção, vestes diferenciadas), *organizacionais* (regras e normas dos agentes de segurança, protocolos do evento) etc.

Portanto, até que ponto tal contato é “direto”?

No fundo, a preocupação com a falta de contato com “a angústia, a trepidação, a alegria do outro” na cultura contemporânea não deveria se traduzir numa revolta contra os aparelhos e as mediações maquínicas. O problema é mais complexo – isto é, *comunicacionalmente ecológico*.

Do tecnocentrismo à ecologia comunicacional

Pensando a comunicação como um processo ecológico, é preciso compreender que todo ambiente comunicacional possui as mais diversas artificialidades e tecnicidades, as mais diversas mediações, os mais diversos agentes, gerando os mais diversos dispositivos de interação e relação, com especificidades próprias.

Buscar uma suposta comunicação de “contato direto e natural”, sem quaisquer mediações, é buscar um paraíso perdido, é transformar as tecnologias em bodes expiatórios de problemas que não derivam delas, mas que, talvez, até possibilitaram a sua própria existência, como resposta a uma necessidade de contato e de relação. E, de certa forma, o problema é justamente este: ou pensar que as tecnologias são *um problema cultural*, ou pensar que as tecnologias poderão *resolver os problemas culturais*.

O risco, em suma, é propor uma leitura apocalíptica e “tecnocêntrica” dos fenômenos comunicacionais contemporâneos, como se a cultura pudesse ser manipulada, dominada, determinada e direcionada (negativamente) pela existência e pela presença de tecnologias nas práticas sociais. Na reflexão comunicacional da Igreja, portanto, também é preciso superar um excesso “tecnocêntrico”, que acaba colocando “a razão técnica acima da realidade” cultural (LS, n. 115).

E é aqui que a própria encíclica vem em nosso socorro. Ao criticar o antropocentrismo (ou o seu contrário, o biocentrismo), Francisco diz esperar “o desenvolvimento de uma nova síntese, que ultrapasse as falsas dialéticas dos últimos séculos” (LS, n. 121). Cremos que outra falsa dialética é a que propõe uma divisão radical entre o humano e o tecnológico, como âmbitos opostos.

Sendo um processo comunicacional, a cultura também deve ser entendida “especialmente no seu sentido vivo, dinâmico e participativo” (LS, n. 143), envolvendo diversos agentes – humanos, sociais, tecnológicos, simbólicos – em uma ecologia complexa.

Como o próprio papa reconhece, “ao falar da relação do ser humano com as coisas [e, acrescentamos, com as tecnologias], impõe-se-nos a questão relativa ao sentido e finalidade da ação humana sobre a realidade”. Afinal, o que estamos construindo ou queremos construir, como cultura, como sociedade, com as tecnologias que inventamos? Pois a comunicação também é uma atividade que implica uma “transformação do existente”, que pressupõe “uma concepção sobre a relação que o ser humano pode ou deve estabelecer com o outro diverso de si mesmo” (LS, n. 125) – seja este “outro” um ser humano, uma construção simbólica ou um aparato tecnológico.

Em suma, as “dinâmicas do mundo digital” não estão inscritas de uma vez por todas nos aparatos tecnológicos, nem são determinadas pelos escritórios das grandes empresas tecnoinformacionais. A cultura, as suas diversas mediações comunicacionais, as suas práticas e táticas locais, e os agentes microscópicos em rede também têm o seu papel nessa “ecologia comunicacional”. E por isso, podem *(re)inventar* as próprias tecnologias constantemente, dando-lhes novos usos e sentidos.

Criativamente, os “micróbios” da sociedade – os indivíduos resistentes, os pequenos grupos, os coletivos alternativos – também são capazes de “inventar o possível”, como diria Michel de Certeau, para além da tecnocracia dominante. Assim também eles têm a capacidade de criar e ocupar circuitos comunicacionais em que possam construir a sua liberdade e uma “cultura da vida compartilhada” (LS, n. 213), na bela expressão de Francisco.

Assim entendida, a ecologia comunicacional favorece uma experiência humana mais consciente e crítica, que não simplifica os problemas em dicotomias empobrecedoras. Ao contrário, reconhecer o lado técnico (dos elementos não humanos) e social (dos “outros” humanos) de toda comunicação é favorecer a construção de relações mais saudáveis, na consciência de que “tudo está interligado”.